

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IASMYN CAVALCANTE

**MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DOS
DESAFIOS ENFRENTADOS NAS TRAJETÓRIAS DE DOCENTES ATUANTES DO
LITORAL PARANAENSE**

MATINHOS

2024

IASMYN CAVALCANTE

**MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DOS
DESAFIOS ENFRENTADOS NAS TRAJETÓRIAS DE DOCENTES ATUANTES DO
LITORAL PARANAENSE**

Artigo apresentado como requisito parcial à
conclusão do curso de Linguagem e Comunicação,
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Dra. Natalia Gomes
Co-orientadora: Dra. Luana de Conto

MATINHOS

2024

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	5
3	METODOLOGIA	7
4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	8
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
	REFERÊNCIAS	14

RESUMO

Este artigo explora os desafios enfrentados pelas professoras negras no Brasil, com foco em suas trajetórias acadêmicas e profissionais, atuantes nas instituições de ensino no Paraná. A pesquisa é sustentada por conceitos de Escrivência, Racismo Estrutural, Institucional e Cotidiano, conforme teorizados por Conceição Evaristo e Grada Kilomba. A partir das experiências de duas professoras negras; uma docente universitária e outra da rede pública estadual, evidencia as barreiras que o racismo impõe desde o processo de formação até a atuação. Os dados foram encontrados por meio de um levantamento bibliográfico, com foco em uma participação durante um programa de extensão de linha editorial antirracista, realizado com um roteiro semiestruturado. Oferece uma perspectiva crítica sobre a urgência de políticas públicas que visibilize metodologias antirracistas na educação. A análise revela a necessidade de ações que viabilizem a representatividade negra e desenvolva de uma forma eficiente de letramento racial, contribuindo para um ambiente escolar menos racista e consequentemente uma sociedade mais crítica e consciente.

Palavras-chave: Educação, Professoras Negras, Racismo Estrutural, Letramento Racial, Políticas Públicas.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve avanços significativos em políticas de ações afirmativas, as quais têm desempenhado um papel fundamental no acesso e permanência de estudantes negros(as) nas instituições de ensino superior público. No entanto, é crucial também voltarmos o olhar para a realidade desses estudantes após a formação, questionando quantos, de fato, conseguem se inserir no mercado de trabalho em suas áreas de especialização.

Segundo os dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2020), o percentual de docentes negras(os) nas instituições de ensino superior no Brasil é de apenas 2%, enquanto o percentual de docentes autodeclaradas(os) brancas(os) é de 52,1%. Se realizado o cruzamento dos indicadores de raça e gênero, as desigualdades são ainda mais perceptíveis. Kilomba (2019) aponta:

Pode-se argumentar que, como os processos, o racismo e o sexismo são semelhantes, pois ambos constroem ideologicamente o senso comum através da referência às diferenças “naturais e “biológicas”. No entanto, não podemos entender de modo mecânico o gênero e a opressão racial como paralelos porque ambos afetam e posicionam grupos de pessoas de forma diferente e, no caso de mulheres negras, elas se entrelaçam (Kilomba, 2019, p. 100)

Conforme o último levantamento que associa estes dois marcadores sociais na docência da educação superior (INEP, 2017), as mulheres pretas com doutorado são 0,4% do corpo docente na pós-graduação no Brasil. Quando somadas, as mulheres pretas e pardas com doutorado não chegam a 3% do total de docentes.

Já na educação pública regular, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) aponta os dados do Censo Escolar que mostra que a presença de professores negros, especialmente mulheres negras, é desproporcional em comparação com a população brasileira. Nas escolas públicas, a maior parte dos professores é composta por mulheres, mas a presença de negras em cargos de destaque ou em escolas de maior prestígio continua sendo menor. A desigualdade se torna ainda mais visível quando os dados de gênero e raça são cruzados, revelando que barreiras são mais acentuadas para mulheres negras em todos os níveis de ensino. As políticas de cotas raciais e outras ações afirmativas têm sido fundamentais para aumentar a participação de profissionais negros no sistema educacional. No entanto, o impacto é limitado principalmente nas áreas de formação inicial, sem garantir a inserção proporcional de professores negros em cargos permanentes e de

liderança. A discussão deste assunto se faz importante observado que há poucas mulheres negras em cargos como professoras universitárias, pesquisadoras e formadoras de opinião. Kilomba afirma:

Ademais, encontrar mulheres negras em posições para além de empregadas domésticas ou babás é mapear a “dedo” trajetórias que romperam com as múltiplas discriminações de gênero, raça, classe, dentre tantas outras, pois a ocupação de lugares que lhes são de direito ainda é pequena, tendo em vista que grande parte destas mulheres se encontra em espaços subalternos. (Kilomba, 2016, p. 18 apud [Oliveira], [2016], p.6)

Diante deste cenário, objetivou-se aqui discutir os desafios encontrados por docentes negras no processo de formação e durante a atuação. O artigo é fruto da experiência de professoras negras: uma delas atua na Universidade Federal do Paraná, no Setor Litoral, enquanto a outra leciona e é pedagoga em uma escola pública estadual de Guaratuba – PR. Por meio de suas trajetórias, elas compartilham conosco a desafiadora realidade enfrentada por mulheres negras oriundas de instituições públicas de ensino e servidoras no Paraná, especialmente na região litorânea.

Este artigo está dividido em quatro principais partes. Na primeira, abordamos a fundamentação teórica com base em autores como Conceição Evaristo e Grada Kilomba, discutindo conceitos centrais como escrevivência, racismo estrutural, racismo institucional e racismo cotidiano. Esses conceitos são essenciais para compreender a realidade vivida pelas mulheres negras na educação e servirão como base para a análise das trajetórias das professoras entrevistadas. Na segunda parte, exploramos as metodologias utilizadas para a realização dessa pesquisa, justificando a escolha da abordagem qualitativa e explicando os métodos de coleta e análise de dados. Na terceira parte, trajetórias das professoras entrevistadas, mostrando os desafios enfrentados ao longo de seus percursos de formação e no exercício da docência. Através de seus relatos, evidenciamos como as estruturas de opressão, como o racismo e o sexismo, continuam a impactar suas carreiras e experiências. Finalmente, na última parte estão as considerações finais dessa pesquisa nas quais refletimos sobre os resultados da pesquisa e seu impacto. Aqui, discutimos as possíveis implicações dessas vivências para as políticas educacionais, bem como as oportunidades para futuras pesquisas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para a discussão, é fundamental contextualizar os conceitos que fundamentaram esta pesquisa, destacando seu valor histórico e social no entendimento das trajetórias de mulheres negras. Deste modo, a contextualização não apenas enriquece a análise, mas também permite uma compreensão mais profunda das experiências vividas por essas mulheres e das dinâmicas sociais que moldam suas trajetórias. A escritora e pesquisadora Conceição Evaristo cunhou o termo “escrevivência” para caracterizar uma forma de expressão literária que integra a vivência e experiência de mulheres negras. Esse conceito busca articular a produção literária com as realidades e as lutas sociais, incorporando as experiências pessoais e coletivas. Evaristo enfatiza que a escrevivência é uma forma de dar voz às narrativas que muitas vezes são silenciadas na literatura tradicional. Ela busca representar a complexidade da identidade negra, especialmente das mulheres, e suas lutas diárias. Portanto, o conceito será utilizado ao apresentar os relatos das professoras que possibilitaram a realização da pesquisa. (EVARISTO, 2018).

É importante ressaltar o racismo estrutural como fator principal para as desvantagens que professoras negras enfrentam no processo de formação e durante a atuação. Para isto KILOMBA (2019) afirma:

O Racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras e People of Color estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de Racismo Estrutural. (Kilomba, 2019, p. 77)

Em suma, o racismo estrutural é um fenômeno intrínseco à organização e construção da sociedade, permeando todas as suas esferas de interação. Ao longo da história, pessoas negras foram sistematicamente silenciadas e tiveram seus direitos básicos negligenciados. Hoje, os reflexos dessas condições ainda se manifestam em diversos âmbitos sociais. As mulheres negras, em particular, enfrentam desafios agravados pela interseção entre o racismo e o machismo estrutural. A falta de mulheres negras em ambientes de ensino superior, sobretudo em cargos de professorado, reflete essa desigualdade. A escassez de representatividade e de pessoas com letramento racial nesses espaços é uma consequência direta do racismo estrutural.

Cabe analisar o conceito de Racismo Institucional, presente em todas as instituições sejam elas públicas ou privadas, como fenômeno responsável por também dificultar o acesso e ascensão de pessoas negras. No ambiente educacional, esse desdobramento de racismo perpetua vários estereótipos e padrões eurocêntricos tornando a permanência de mulheres negras um grande desafio. KILOMBA relata o racismo institucional:

Como o termo “instituição” implica, o racismo institucional enfatiza que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também institucionalizado. O termo se refere a um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalhos, justiça criminal etc. O racismo institucional opera de tal forma que coloca os sujeitos brancos em clara vantagem em relação a outros grupos racializados. (Kilomba, 2019, p. 77)

As trajetórias das professoras negras investigadas nesta pesquisa ilustram perfeitamente como o racismo institucional se manifesta no ambiente educacional. Desde o processo de formação, enfrentam barreiras invisíveis, como a falta de apoio institucional e o isolamento em espaços majoritariamente brancos, reforçando a ideia de que a estrutura acadêmica brasileira privilegia determinados perfis.

No caso das professoras negras analisado nesta pesquisa, esse racismo sutil aparece no dia a dia de suas atuações, seja na forma como são tratadas por colegas e alunos, ou na constante necessidade de provar sua competência em espaços que silenciam suas vozes. KILOMBA sugere que o racismo cotidiano opera como uma força silenciosa que valida e perpetua as estruturas mais amplas do racismo, tornando difícil para as mulheres negras desenvolverem suas carreiras.

O termo “cotidiano” refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (Kilomba, 2019, p. 78)

No caso das professoras participantes, o racismo cotidiano se manifesta nas microagressões diárias que enfrentam tanto no ambiente escolar quanto em suas interações fora dele. Desde comentários sobre sua aparência ou competência até a exclusão sutil de espaços de decisão e liderança, elas relatam a sensação constante de estarem sendo testadas e questionadas. Essas vivências revelam como o racismo cotidiano corrói sua autoestima e confiança, reforçando a sensação de não

pertencimento. Tal cenário cria uma barreira invisível, mas constante, que dificulta o pleno desenvolvimento de suas carreiras e a construção de uma trajetória profissional sem o peso das agressões diárias. Assim, suas experiências confirmam a análise de Kilomba de que o racismo cotidiano é uma força persistente que impede o avanço para mulheres negras em ambientes onde deveriam ser vistas.

3 Metodologia

A metodologia adotada para este trabalho se amparou no campo da pesquisa qualitativa de caráter descritivo-analítico, mediante a análise de um programa que ocorre em espaço virtual, com o auxílio de um roteiro semiestruturado.

A pesquisa foi realizada através do programa Tv Matracas, que tem como grade uma linha editorial antirracista, anticapitalista e anticapacitista. O projeto é uma extensão da Universidade da Integração internacional da Lusofonia afro-brasileira. O TV Matracas é estruturado com diferentes abordagens temáticas, com programas que ocorrem ao longo da semana, como: Matracas Ancestrais, Xirê de Notícias, Um Dedo di Prosa, entre outros. O presente trabalho analisa um episódio da linha editorial "Vem Aquilombar", intitulado "Mulheres Negras e à Docência: Trajetórias que se Cruzam", abordando a experiência e vivência de mulheres negras na educação. Participaram da conversa duas professoras autodeclaradas negras, uma professora universitária federal e uma professora da rede estadual de educação básica. Desta maneira, no quadro seguir estão apresentados os passos seguidos para o desenvolvimento e finalização desta pesquisa, a saber:

QUADRO 1.1 - ETAPAS DA PESQUISA

Etapa	Descrição
1	Nessa etapa, foi realizado um levantamento bibliográfico focado em autores que abordam as trajetórias de mulheres negras na educação. O levantamento foi a partir de artigos científicos disponibilizados na plataforma de Periódicos da CAPES, utilizando palavras-chave como "Professoras Negras", "Docência OR Mulheres Negras", "Língua Portuguesa OR Mulheres Negras" e "Professoras Negras OR Escrivência". Para garantir uma seleção criteriosa dos textos, os seguintes critérios de inclusão foram estabelecidos: artigos publicados entre 2012 e 2023, com relevância para a temática e baseados em pesquisas no Brasil, com o auxílio de uma planilha Excel selecionando 50 artigos.
2	Construção do Roteiro Semiestruturado com base em Conceitos Teóricos, que foi enviado previamente as participantes do programa. Embora o objetivo principal desta fase fosse desenvolver um roteiro capaz de explorar as experiências e desafios enfrentados pelas professoras negras participantes, o estudo dos conceitos foi indispensável para garantir a fundamentação teórica desse trabalho.

3	Para a análise pormenorizada, foi selecionado como objeto um episódio disponível online, na plataforma do Youtube, em que participam duas professoras atuantes do ensino público sendo elas uma da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral e outra em um Colégio Estadual da cidade de Guaratuba – PR, citadas anteriormente, durante a participação do programa as docentes compartilharam suas trajetórias de formação e atuação. Por questões de ética, foram definidos nomes fictícios para elas, que serão apresentadas no decorrer destes estudos como: Professora 1 para docente da rede estadual (P.1) e Professora 2 para docente de ensino superior (P.2)
---	--

Neste último passo, todos os dados obtidos foram transcritos, apresentados e analisados juntamente com os recursos bibliográficos estudados, a fim de responder aos questionamentos levantados por esta pesquisa e atingir os objetivos aqui apontados.

Posto isto, a coleta de dados foi realizada com uso das tecnologias, das ferramentas digitais que são a principal forma de comunicação e realização das atividades tanto para o trabalho quanto para os estudos. Todas nos organizamos para a participação da live que ocorrera ao vivo, sendo transmitida para todo o país que tenha acesso ao Youtube.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As professoras relatam que enfrentam vários desafios até conquistarem o cargo efetivo de docente, visto que as duas são concursadas. No que se refere a trajetória acadêmica uma das participantes relata:

“Eu entrei no mestrado já com 40 anos. Não foi assim, sair da graduação e ir direto para a pós, né? E até essa questão da minha etnia... Eu morava em Londrina – PR, sempre rata¹ da UEL (Universidade Estadual de Londrina). Fiz tudo lá: graduação, duas pós, porque disseram para mim, na minha graduação, que eu não tinha condições de fazer o mestrado, que mestrado não era para mim. Eu fiz Letras, e quem falou isso para mim foi uma professora do curso de Letras, uma mulher branca, que veio forjada nessa sociedade eurocêntrica. Ela me dava aula de literatura inglesa, e eu reprovei dois semestres com ela porque meu inglês não era fluente. Na época, eu não tinha noção; é óbvio que meu inglês não seria fluente, eu não sou nativa. Depois, quando eu troquei de professora, porque ela saiu de licença, a professora daquele ano me disse: 'Não, mas isso não existe. Você nunca será fluente nesse quesito, porque você não é nativa. Por mais que você estude o inglês muito bem, você nunca falará igual a um nativo.' Então, isso também foi um impedimento, né, que, na minha geração, eu pude observar. Na universidade não havia cotas, e foi um desafio permanecer na graduação. Existiam professores ali que faziam... Como eu posso dizer... Diferenças para a permanência de estudantes negros e negras.” (Professora 1)

Compreendendo que esses desafios ainda são presentes no processo de formação de estudantes negras, é possível observar como o racismo estrutural, impacta

diretamente suas trajetórias acadêmicas. A falta de incentivo, as barreiras impostas por docentes que perpetuam padrões eurocêntricos e a ausência de políticas afirmativas dificultam não apenas a permanência dessas estudantes na universidade, mas também suas perspectivas de ascensão acadêmica. O relato da professora evidencia a importância de reconhecer essa estrutura opressiva nos espaços de ensino superior.

Entende-se que há no Brasil uma enorme lacuna de profissionais afrodescendentes em todos os cargos de liderança. Dito isto, discutir a falta de representatividade se faz necessário justamente por ser um desafio na trajetória de mulheres negras desde a sua infância. Segundo as autoras Góes e Rosa (2021):

práticas verbais e não verbais são lançadas o tempo todo diante dos olhos atentos das crianças, e as atitudes de respeito ou de rejeição ao contato físico (com adultos e de outras crianças), à sua autoimagem, à sua representação vão, aos poucos, constituindo a identidade e a percepção que elas têm de si mesmas e do grupo social a que pertencem. Ou seja, a identidade é constituída nas relações e nos processos sociais que tornam possível a compreensão do mundo por meio das experiências vividas, e é na escola que grande parte dessas experiências infantis (boas ou ruins) acontecem.

Considerando o exposto acima, é importante ressaltar a lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Essa, promulgada em 2012. É importante percebermos como essa lei se aplica na realidade do nosso país, e de que forma essas discussões são realizadas nas escolas. Assim, Kilomba (2016) afirma:

A posição de objetificação, que é normalmente ocupado por nós, o lugar de Outridade, não indica uma falta de resistência ou de interesse, como geralmente acreditam, é muito mais falta de acesso à representação de negrxs e não-brancxs por si mesmxxs. Não é que nós não temos falado, mas as nossas vozes graças ao racismo como sistema temos sido sistematicamente desqualificadxs pelo que a academia entende como conhecimento válido. E mais: nós temos sido representadxs por brancos, que, ironicamente, se tornam "especialistas" em [nossa cultura] e nós mesmxxs. De ambas as formas, estamos encarceradxs numa hierarquia colonial violentíssima. (Kilomba. 2016, p. 28).

Essa realidade é corroborada pelos relatos das professoras entrevistadas nesta pesquisa, que compartilham suas experiências ao longo de suas trajetórias educacionais e profissionais.

"A educação ganhou políticas públicas que pudessem servir como base de apoio para que pessoas indígenas e negras permanecessem na educação superior, especificamente na docência. Nós temos uma lacuna muito grande na docência. Quando voltamos à nossa história de formação na educação básica, olhamos para trás e pensamos: quantos professores ou professoras negras eu tive na fase da educação básica ou na minha graduação? Eu falo da minha geração, e isso não faz muito tempo. Tudo bem que eu já cheguei aos 50, passei um pouquinho, mas, se considerarmos em termos de tempo no Brasil, não tínhamos professores negros ou indígenas na minha graduação e nem na minha formação básica. Eu não me lembro de ter tido aula com um professor ou professora negro(a) ou indígena. Temos, então, uma lacuna nessa construção social do Brasil. O que colaborou para avançarmos um pouco foram as políticas de cotas, que ajudaram nesse processo." (Professora 1)

"Sabe, professora... eu fui te escutando e como as nossas histórias se encontram, né? Eu tenho 32 anos e não me recordo de, na educação básica, até mesmo no ensino superior, ter tido uma professora ou professor negro. Essa referência fez muita falta, porque dava sempre aquela sensação de que aquele lugar não era para nós. A gente vê a importância das políticas públicas. Eu sou fruto das políticas de ações afirmativas. (Professora 2).

"Entrei na universidade em 2010, sou filha de dona de casa, e meu pai, naquela época, era lavrador. Nós não tínhamos condições de me manter na universidade. Estudei na Universidade Federal de São Carlos, minha família é do interior de São Paulo, de Jaboticabal. E foram as políticas e os auxílios dentro da universidade que me possibilitaram fazer uma graduação. Depois, tive bolsa de mestrado. Hoje, sou professora de uma universidade federal. A gente olha para as nossas histórias e vê o quanto elas se cruzam." (Professora 2).

A representatividade, ou a falta dela, constitui uma significativa diferença, principalmente na vida de estudantes negros(as), pois mais do que se sentir representado nesses espaços é importante conhecermos histórias, projetos, atuações e trajetórias de pessoas negras, protagonistas, especialmente sobre mulheres negras. É essencial que os profissionais da educação sejam preparados para desfazerem estereótipos e apresentar novas perspectivas de vidas aos alunos. Uma das capacitações necessárias é o letramento racial, que forma essa percepção crítica sobre si mesmo, sobretudo para estudantes negros(as). O letramento racial é um processo educacional que envolve a conscientização sobre a formação histórica e social do racismo. Sem ele, perpetuam-se narrativas que invisibilizam as desigualdades e mantêm a falsa percepção de que o racismo é apenas um problema pontual. Reconhecemos o papel de políticas de ações afirmativas que corroboram para que esse processo se inicie ainda no ensino fundamental. No entanto, devido à falta de formação adequada dos professores, que não são preparados para tratar dessas discussões em sua formação inicial, o letramento racial para estudantes muitas vezes começa apenas no ensino superior. Diante disto, este trabalho buscou

compreender como se deu o processo de letramento racial das professoras participantes. A Professora 2 relata:

A gente vê a importância do letramento racial, porque, assim como a Iasmyn esse processo não aconteceu comigo na infância. Me entender enquanto mulher negra foi um processo que, a partir dos estudos, principalmente na universidade, foi ficando mais forte para mim. A mesma coisa se apropriar dessa literatura, construída por intelectuais negros — e aqui destaco as intelectuais negras, pois temos grandes referências — é fundamental para nossa leitura de mundo, para nos entendermos, para lutar e para fornecer aos nossos estudantes essas ferramentas de luta, de compreensão de si e da realidade” (Professora 1).

“Na época em que eu fiz a graduação, não se tinha, não se falava de letramento. A partir da literatura afro-brasileira, de filósofos e autores da academia negra ou indígena, não se falava sobre isso. Comecei, obviamente, na universidade, esse letramento identitário, porque até estar dentro da universidade, eu não tinha. Eu sabia que era uma menina negra, uma jovem negra, mas não tinha total consciência do impacto que isso tinha dentro da minha realidade, né? Quando saí da minha zona de conforto — que era minha família, o bairro onde eu morava, os espaços sociais onde eu transitava — indo para a universidade, o primeiro impacto foi a minha cor, né? Então, isso é um impacto grande; são várias interseccionalidades na graduação, na universidade pública” (Professora 2).

Diante dos relatos, fica evidente que o letramento racial tem um papel essencial na construção da identidade dessas educadoras e na compreensão do racismo estrutural que enfrentam ao longo de suas trajetórias.

A escolha profissional, especialmente no campo da educação, muitas vezes é profundamente marcada em experiências pessoais e desafios vívidos. No caso das professoras participantes, suas trajetórias revelam como a docência para ambas é mais do que uma profissão. Elas relatam como se inicia esse interesse pela docência:

“Então, no meu caso, eu também queria ser professora. Eu tenho uma irmã com deficiência múltipla, nós temos um ano de diferença. Ela teve meningite na infância, e, aí, ela tem deficiência intelectual e física. Eu sempre me questionava assim ... Eu não entendia por que eu ia para uma escola e ela para outra instituição, porque eu estava lendo e minha irmã não. E, quando eu estava no ensino médio, cheguei para mim aquele caderno de profissões e estava escrito ali: licenciatura em educação especial. Então, falei assim: ‘é isso que eu quero fazer, oportunizar para outros jovens com deficiência a possibilidade de aprender, de se apropriar do conhecimento.’ (Professora 1)

“Eu, desde adolescente, sempre desejei ser professora. Fui para o magistério... Eu acredito que seja um pouco da minha formação religiosa, porque eu e meus pais éramos da igreja. Lá, tinha a escolinha dominical, onde comecei a dar aula para os pequeninhos, e isso foi crescendo dentro de mim. Fui para o magistério e, depois, para a graduação, porque eu também queria dar aula.” (Professora 2)

A trajetória profissional de mulheres negras na docência é marcada por desafios específicos que refletem o racismo estrutural presente na sociedade. A segunda participante do estudo relata as dificuldades que a atrapalharam ao longo de sua carreira, destacando tanto a necessidade de provar sua competência como as situações de discriminação racial vividas no ambiente escolar. Em sua fala, evidencia-se como o preconceito afeta não apenas o relacionamento com a comunidade escolar, mas também as interações com colegas de trabalho. Ela compartilha um episódio em que os pais de um aluno se recusaram a falar com ela simplesmente por ser negra, preferindo conversar com sua colega que é uma mulher branca. Além disso, a participante descreveu a resistência de outros professores à discussão sobre racismo, revelando os transtornos causados quando ela questiona o uso de termos pejorativos. Esses relatos revelam que, para as mulheres negras, a docência envolve o enfrentamento de uma série de desafios que vão além das questões profissionais comuns, situando-se intimamente ligada à luta contra o racismo e à busca por reconhecimento em espaços históricos.

"São muitos desafios, não só do ponto de vista de você provar do que está falando, mas de enfrentar as atitudes de preconceito e discriminação da comunidade. [...] Sobretudo, os desafios que as mulheres negras encontram na docência não são os mesmos enfrentados por mulheres não negras; são outros desafios. Eu sou pedagoga, hoje, na escola, e algumas famílias que procuram uma equipe pedagógica não querem tratar comigo. e a outra professora é uma mulher branca — e os pais disseram: 'não quero tratar com essa professora.' Disseram que não queriam falar comigo porque sou negra, entendi [...] outro desafio é lidar com a discriminação racial e o preconceito que acontece no ambiente escolar, vindo dos nossos próprios colegas professores. determinado termo,' e recebe um 'ah, mas de novo essa história?', você percebe o valor semântico de algumas expressões, né?" (Professora 2)

Assim, os relatos das participantes revelam a importância das políticas de ações afirmativas, da representatividade, do letramento racial e de como esses fatores desempenharam um papel fundamental na construção das identidades profissionais dessas mulheres negras. A presença de professoras negras nas instituições de ensino não é somente uma questão de representatividade, mas também uma ferramenta de transformação para os estudantes. Dessa forma, discutir e garantir a presença das educadoras negras não é apenas uma questão de justiça histórica, mas uma condição essencial para a contribuição de uma sociedade menos eurocêntrica e padronizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o objetivo geral deste estudo investigar quais são os desafios presentes no processo de formação e de atuação de mulheres negras enquanto professoras, e compreendendo suas trajetórias. Foi constatado ao final da pesquisa que as docentes negras enfrentam barreiras que estão diretamente ligadas ao racismo estrutural, que, conseqüentemente, dá base para todos os outros desdobramentos do racismo. Além disso, a falta de políticas públicas que tornem obrigatório metodologias e práticas antirracistas na educação em todas as disciplinas corroboram para perpetuação desses desafios. Assim, evidenciar a trajetória das professoras negras, seus desafios e contribuições, é fundamental para expor as barreiras impostas pelo racismo estrutural e institucional que permeiam a educação. Essa pesquisa reafirma a urgência de implementar políticas públicas que tornem obrigatório metodologias antirracistas de modo a tornar a lei 10639/2003 uma prática real na educação brasileira. Ao trazer essas discussões para o campo acadêmico, vislumbramos a possibilidade de ampliar o letramento racial de alunos e professores(as). É necessário que essa discussão não seja mais uma exceção, mas uma regra nas práticas educacionais, contribuindo para a desconstrução do racismo no espaço escolar.

Compreender a importância de ter uma professora negra enquanto estudante negra é um processo essencial, especialmente no desenvolvimento de uma pesquisa que aborda as questões raciais na educação. No entanto, é lamentável que essa conscientização, muitas vezes, só ocorra durante uma trajetória universitária, quando o impacto positivo de ter educadores que reúnem experiências e vivências semelhantes já poderia ter sido sentido desde o início da educação básica. Esse contato tardio com figuras negras na docência reflete a falta de representatividade nas instituições de ensino e o atraso no desenvolvimento de uma identidade racial. Infelizmente, para muitos estudantes negros, essa oportunidade de consideração em seus professores e inspiração para suas próprias trajetórias acadêmicas e profissionais ainda é uma exceção, e não a regra.

Esta pesquisa nasce do olhar crítico de uma menina negra de pele clara, que desde cedo notava a ausência de representatividade racial nas instâncias educacionais. Vinda de escolas públicas e, posteriormente, em uma universidade pública, sentiu a necessidade urgente de trazer essa discussão para a sala de aula. Ao longo de sua formação, questionava por que havia tão poucos professores e professoras negros(as) ocupando cargos de liderança e docência, e isso afetava algo dentro de

si. Evidenciou-se, aqui, uma oportunidade não só de contribuir para o campo acadêmico, mas também de aprofundar reflexões e propor alternativas que enfrentem essas lacunas.

REFERÊNCIAS

AZ, A.; SALES MARÇAL, M. A negra forte que se é: narrativas de mulheres negras sobre suas transformações sociais e pessoais a partir da inserção universitária. *Pretextos - Revista de Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 24.

AZEVEDO, L. C. L.; SACRAMENTO, A. C. R. Mulheres negras professoras universitárias e suas trajetórias socioespaciais no ensino de geografia. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 23, n. 87, p. 53–69, 2022. DOI: 10.14393/RCG238758866. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/58866>. Acesso em: 30 out. 2024.

BORBA, C. dos A.; SILVA, F. M. da; ROSA, S. Y. S. da. Negra e acadêmica: a solidão no diálogo entre pares nos espaços de poder. *Caderno Espaço Feminino*, v. 32, n. 2, p. 129–145, 2020. DOI: 10.14393/CEF-v32n2-2019-7.

EVARISTO, C. *Escrevivência: a escrita de nós*. São Paulo: Oficina Raquel, 2020.

KILOMBA, G. Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance. Disponível em: https://www.academia.edu/38029635/DESCOLONIZANDO_O_CONHECIMENTO_Uma_Palestra_Performance_de_Grada_Kilomba. Acesso em: 30 out. 2024.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAUREANO, S. L.; ZILLOTTO, D. M. Histórias de vida de professoras negras na educação superior. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 7, n. 21, p. 476–491, 2022. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2022.v7.n21.p476-491. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/10556>. Acesso em: 30 out. 2024.

LOPES, B. G.; GONÇALVES, J. P. “Ah, aqui também a gente está chegando!”: professoras negras e representatividade racial na universidade. *Revista de Educação*,

Ciência e Cultura, v. 1, p. 2-19, 10 fev. 2022. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Acesso em: 30 out. 2024.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da Educação Superior*. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>.

NÚÑEZ, J. M. L.; RIOS, J. A. V. P. Pedagogias de (re)existências do movimento de mulheres negras na Bahia em tempos de pandemia. *ODEERE*, v. 6, n. 1, p. 287–310, 2021. DOI: 10.22481/odeere.v6i01.8500.

ROCHA, R. M.; AZEVEDO, P. B. de. O narrar sobre si e a escrivência: o lugar da escrita autobiográfica em pesquisa sobre formação de professoras negras. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1345–1359, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46i3.68429. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68429>. Acesso em: 30 out. 2024.

ROMÃO, C. de O.; SILVA, D. Entre Carolinas e Dandaras: reconhecendo histórias e formando para a cidadania. *ODEERE*, v. 4, n. 7, p. 257–269, 2019. DOI: 10.22481/odeere.v4i7.4315.